

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Instituto de Ciências Humanas  
Pós-Graduação *Latu Sensu* em História da África

Carolina de Souza Oliveira Machado

**O seduzir da crônica no ensino médio a partir de Ana Paula Tavares**

Juiz de Fora  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MACHADO, Carolina de Souza Oliveira.

O Seduzir da Crônica no Ensino Médio a partir de Ana Paula Tavares / Carolina de Souza Oliveira MACHADO. – 2017.  
50 f.

Orientador: Edimilson de Almeida PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. História da África. 2. Literatura. 3. Crônica. 4. Ana Paula Tavares. I. PEREIRA, Edimilson de Almeida, orient. II. Título.

Carolina de Souza Oliveira Machado

**O seduzir da crônica no ensino médio a partir de Ana Paula Tavares**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pós-Graduação *Latu Sensu* em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do diploma de pós-graduada em História da África.

Prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira (Orientador)

Juiz de Fora

2017

## SUMÁRIO

<b>1. PARTE I: APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO .....</b>	<b>04</b>
1.1 APRESENTAÇÃO .....	04
1.2 OBEJTIVOS .....	06
1.3 METODOLOGIA .....	07
1.4 RECURSOS .....	09
1.5 CRONOGRAMA .....	09
1.6 AVALIAÇÃO .....	09
1.7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	10
<b>2. PARTE II: O MATERIAL DIDÁTICO .....</b>	<b>13</b>
<b>3. PARTE III: O PORTFÓLIO .....</b>	<b>26</b>

## 1 PARTE I: APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

### 1.1 APRESENTAÇÃO

Em meio a tantas tecnologias da sociedade contemporânea e, conseqüentemente à mudança de comportamento e interesses dos jovens (não só), já é fato indiscutível que a escola também necessita de mudanças. Dentre elas, o material didático. E, antes, a forma como uma aula é conduzida. O aluno precisa ser cativado, atraído, o ensino precisa fazer sentido.

Pensando nisso e na lei 10.639/2003, a qual tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, que este Trabalho de Conclusão de Curso visa à apresentação de um material didático que englobe a temática da lei dita diante de textos, pois conforme as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006)

Dessa forma, o que se propõe é que, na delimitação dos conteúdos, as escolas procurem organizar suas práticas de ensino por meio de agrupamentos de textos, segundo recortes variados, em razão das demandas locais, fundamentando-se no princípio de que o objeto de ensino privilegiado são os processos de produção de sentido para os textos, como materialidade de gêneros discursivos, à luz das diferentes dimensões pelas quais eles se constituem. (Brasil, 2006, p. 36)

O gênero textual crônica é o tema do material didático, que foi elaborado para o primeiro ano do ensino médio, tendo em vista que de acordo com os Conteúdos Básicos Comuns (CBC) de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, o gênero crônica está presente no Eixo Temático I, Compreensão e Produção de Textos, Tema I, para a primeira série do Ensino Médio: “o 1º EM se ocupará, essencialmente de gêneros textualizados como narração ficcional ou de relato, como descrição e como o poema” (Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2006, p. 86).

O estudo de gêneros textuais na sala de aula deve descartar a ideia de ensino-aprendizagem da língua como uma forma isolada de um contexto de uso, como há muitos anos era feito o ensino centrado na metalinguagem, com tradicionais exercícios de classificação e identificação de regras gramaticais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais propuseram uma reformulação no ensino, reavaliando o conceito de gramática e enfatizando o texto.

As competências e habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) permitem

inferir que o ensino de Língua Portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho. (Brasil, 2002b, p.55)

Em qualquer ação comunicativa do cotidiano, fazemos uso de gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. Sendo assim, é de extrema relevância que o trabalho com o texto, em seus diversos gêneros, ocupe lugar de destaque nas aulas, e não só nas de língua portuguesa, em todas. Pois em meio à sociedade letrada, cada vez mais é exigido um leitor crítico, com habilidades em leitura, compreensão e escrita, e que saiba se expressar por escrito e oralmente. Mas o quadro de nosso país é bem diferente, conforme aponta um estudo realizado em 2015 pelo IPM (Instituto Paulo Montenegro) e pela ONG Ação Educativa.

Segundo o estudo, apenas 8% das 2002 pessoas entrevistadas, entre 15 e 64 anos de idade, de diversas partes do país, elaboram e compreendem textos de maior complexidade, interpretam gráficos, tabelas, resolvem situações-problemas, fazem inferências, enfim, são consideradas proficientes. É evidente que os motivos os quais geraram o resultado dessa pesquisa vão muito além dos muros da escola. São também questões históricas, sociais e políticas. Mas, iniciando mudança no nosso trabalho enquanto professores, utilizando excelentes ferramentas - linguagem, comunicação, textos -, podemos contribuir para a formação de cidadãos leitores, letrados, críticos, em suma, cidadão que interage socialmente de forma crítica e consciente, e, com isso, progride na vida pessoal, no mercado de trabalho, no meio em que convive.

A leitura de textos e de mundo é um meio de inserção social, logo, o contrário, reproduz exclusão. Como diz Antônio Cândido (1995), a literatura também é um direito humano:

São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.

[...]

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a

sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades, em todos os níveis é um direito inalienável". (CÂNDIDO, 1995. p.241; 262-263)

E, acrescentado ao que afirma Cándido, de acordo com a LBD (1996), uma das finalidades do Ensino Médio, conforme consta no artigo 35, é o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio apontam que na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, deve propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta, que implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem.

Sendo assim, dentre os objetivos do ensino da Língua Portuguesa, destacamos que deve despertar o interesse do aluno pela leitura, fazendo com que o mesmo tenha acesso a diversos gêneros de textos, onde possa adquirir autonomia para desenvolver sua competência comunicativa, discursiva, produzir e compreender diferentes tipos de textos orais e escritos.

Mediante as legislações educacionais, seguimos adiante com o material didático.

## **1.2 OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL:**

- Que os alunos compreendam o gênero crônica.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Despertar o interesse dos alunos para o tema da aula;
- Apresentar o conteúdo da aula;
- Fazer com que os alunos participem ativamente da aula;
- Que os alunos compreendam as crônicas e os demais textos, e estabeleçam relação com o contexto de produção;
- Que os alunos identifiquem o diálogo entre os textos;

- Que reflitam sobre o percurso da mulher na sociedade;
- Levar os alunos a se conscientizarem sobre igualdade de gênero;
- Que escrevam uma crônica coerente com a proposta de produção textual;
- Verificar a compreensão dos alunos através da participação nas aulas e das atividades.

### **1.3 METODOLOGIA**

Ao falar o tema das próximas aulas, crônica, inicialmente o professor deverá saber o que os alunos sabem a respeito desse gênero. Mediante as respostas, o professor vai fazendo perguntas que podem levar à explicação de crônica. Perguntas como: vocês têm o hábito de observarem as pessoas na rua? Os acontecimentos? O que é noticiado em jornais ou rede sociais? E, através de uma conversa lúdica e descontraída, o professor vai conduzindo a interação com a turma, até chegar à explicação do gênero.

Em seguida, utilizando o conteúdo do material didático, o professor deve levar os alunos a relacionarem a imagem de abertura do material ao que foi dito até o momento. “A importância de liberar a expressão da opinião do aluno, mesmo que não seja a nossa, permite que ele crie um sentido para a comunicação de seu pensamento. Deixar falar/escrever de todas as formas, tendo como meta a organização de textos”, apontam os PCNsEM (2000, p.21). Após, um aluno poderá ler o texto introdutório sobre crônica.

Tendo em vista a rejeição em ler por parte de muitos alunos, rejeição por alguns motivos como o deboche de colegas, ressalto que o professor criando um ambiente de confiança, respeito, e definir regras, as quais sejam estabelecidas com a participação dos alunos, terá um ambiente propício para que todos os alunos se sintam mais à vontade não só em ler, mas também como de interagir nas aulas mais ativamente.

Posteriormente, o professor dirá aos alunos que lerão uma crônica sobre a condição das mulheres na sociedade angolana em um contexto referido. Nesse momento, antes da leitura da crônica “Corpos Proibidos”, o professor deverá novamente conduzir um diálogo com a turma ouvindo dos alunos o que sabem ou pensam sobre a vida da mulher no tempo de seus avós, por exemplo, e atualmente. O que mudou na vida/comportamento da mulher? E assim o professor irá mediando a conversa sobre o gênero feminino e fazendo novas perguntas, até considerar o momento de seguir para a leitura, que, desta vez, deverá ser feita pelo professor, devido a algumas diferenças ortográficas e também à importância da entonação para que os alunos compreendam melhor. O professor começará destacando o título e levando os alunos a fazer inferências.

Ao terminar a leitura, o professor verificará o entendimento dos alunos, fazendo as explicações cabíveis, e discorrendo sobre Ana Paula Tavares, o breve histórico de Angola, para que, em seguida, um aluno leia esses textos.

Os alunos farão as atividades de compreensão da primeira crônica. É importante que o professor vá às carteiras para acompanhar as atividades, sanar possíveis dúvidas e observar a escrita dos alunos. A correção da atividade poderá ser feita oralmente.

Partindo para a próxima crônica, o professor poderá seguir a mesma metodologia: iniciar destacando o título de modo que os alunos possam inferir, fazer a leitura da crônica, ouvir a compreensão dos alunos, esclarecer dúvidas para que os mesmos façam as atividades, ir às carteiras para acompanhar as atividades. Após, a correção da mesma maneira, oralmente. Esse tipo de correção possibilita ao professor verificar a oralidade dos alunos.

Antes dos alunos começarem a resolver a próxima atividade, diálogo entre os textos, o professor deverá exibir o vídeo sobre a música “Mulher não manda em homem”. Ele irá conduzir uma discussão com os alunos sobre o vídeo, e depois farão as atividades, as quais serão corrigidas também oralmente.

Seguindo adiante, há uma crônica de Moacyr Scliar, “Mulher sem medo”. O professor deverá perguntar se já ouviram sobre o autor, conhecem algum texto dele, e levar os alunos a levantarem hipóteses diante do título. O professor ou um aluno lerá a crônica. Em seguida, o professor perguntará o que há de semelhante e diferente entre a linguagem, o tema e os personagens das crônicas anteriores de Ana Paula Tavares.

Para encerrar as atividades do material didático, os alunos farão uma produção de texto, uma crônica. Eles deverão utilizar as imagens dadas para redigirem seu texto. Para isso, o professor deverá levar os mesmos a refletirem e compreenderem as imagens, estabelecendo relação entre as crônicas lidas nas aulas anteriores e tudo o que foi discutido sobre a questão do gênero feminino e sobre o gênero textual crônica. O professor deverá acompanhar e auxiliar durante todo o processo da produção textual.

Sugestões:

- As crônicas poderão ser lidas ou expostas em um momento da escola como Feira Literária;
- Alunos com habilidades para desenhar poderão ilustrar personagens das crônicas;
- Poderão elaborar peças teatrais sobre as crônicas;
- O professor poderá levar diversificadas crônicas de vários autores para serem lidas ao longo do bimestre ou semestre. Os alunos podem fazer a leitura extraclasse ou o professor reservar um tempo semanal para serem lidas na aula.

- Seria muito relevante se o trabalho com este material didático fosse realizado de forma interdisciplinar com História, Geografia e Artes. Assim, os alunos teriam maior abrangência sobre aspectos históricos, geográficos, culturais e artísticos de Angola.

#### **1.4 RECURSOS**

Nas aulas será utilizado o presente material didático elaborado, e a internet para assistir ao vídeo indicado em uma das atividades. Além disso, conforme sugerido na metodologia, outras crônicas conforme a escolha do professor.

#### **1.5 CRONOGRAMA**

Estima-se que sejam utilizadas sete aulas de cinquenta minutos. O cronograma depende do perfil da turma e do condizer das aulas.

#### **1.6 AVALIAÇÃO**

O conteúdo dado será avaliado de acordo com a participação dos alunos nas aulas e com as atividades realizadas. Ressaltando que, conforme o Conteúdo Básico Comum (2006) aponta, durante o processo de ensino-aprendizagem é conveniente que o professor faça paradas para monitorar os produtos e processos, alterar rotas, tomar consciência do que ainda não foi compreendido e buscar caminhos para avançar.

Acrescento que, também de acordo com o Conteúdo Básico Comum (2006) a avaliação é um instrumento muito importante para o aluno, pois permite a tomada de consciência de suas conquistas, suas dificuldades, seus avanços, e lhe possibilita a reorganização de seu investimento na tarefa de aprender.

A forma de avaliar ou seguir um material didático não deve ser algo estático, acabado. O professor deve ser apto para elaborar mudanças que sejam adequadas à sua turma.

## 1.7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)  
Acesso em: 15 jan. 2017

\_\_\_\_\_. PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2002b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf> Acesso em: 15 jan. 2017

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf) Acesso em: 15 jan. 2017

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, 2000. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Documents/P%C3%B3s%20His.%20%C3%81frica/TCC/P CN%20EM.pdf> Acesso em: 15 jan. 2017

CÂNDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296648/mod\\_resource/content/1/Candido%20%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296648/mod_resource/content/1/Candido%20%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf) Acesso em: 14 jan. 2017

GOMES, Fernanda Antunes. A arte de cronicar em Ana Paula Tavares. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (na especialidade de Literaturas Portuguesa e Africanas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007, 109 Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/GomesFA.pdf> Acesso em: 03 jan. 2017.

[http://download.uol.com.br/educacao/2016\\_INAF\\_%20Mundo\\_do\\_Trabalho.pdf](http://download.uol.com.br/educacao/2016_INAF_%20Mundo_do_Trabalho.pdf) Acesso em: 14 jan. 2017

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=37210> Acesso em: 14 jan. 2017

<http://www.elfikurten.com.br/2015/06/ana-paula-tavares.html>) Acesso em: 04 jan. 2017

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm) Acesso em 13 jan. 2017

<http://www.scliar.org/moacyr/sobre/o-escritor/> Acesso em: 09 jan. 2017

<https://ahoradaestela.files.wordpress.com/2014/03/mt4w.jpg> Acesso em: 09 jan. 2017 (imagem 3 – produção de texto)

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1235/questao-de-genero-o-genero-textual-cronica>  
Acesso em: 08 jan. 2017

<https://www.google.com.br/#q=mapa+da+%C3%A1frica> Acesso em: 14 jan. 2017 (mapa de Angola)

[https://www.google.com.br/search?q=charge+sobre+machismo&biw=1242&bih=602&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwj9xJDwtqnRAhWMIJAKHV1wBFYQsAQIGQ#imgrc=\\_7JR4pFfTXJzfM%3A](https://www.google.com.br/search?q=charge+sobre+machismo&biw=1242&bih=602&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwj9xJDwtqnRAhWMIJAKHV1wBFYQsAQIGQ#imgrc=_7JR4pFfTXJzfM%3A) Acesso em: 04 jan. 2017 (charge)

[https://www.google.com.br/search?q=dia+a+dia+de+mulheres+no+s%C3%A9culo+dezenove&biw=1242&bih=602&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjcsZ-TpLHRAhXFCpAKHbxnDeUQ\\_AUICCGD#tbm=isch&q=dia+a+dia+de+mulheres+submissa&imgrc=xAVuO8\\_M236\\_jM%3A](https://www.google.com.br/search?q=dia+a+dia+de+mulheres+no+s%C3%A9culo+dezenove&biw=1242&bih=602&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjcsZ-TpLHRAhXFCpAKHbxnDeUQ_AUICCGD#tbm=isch&q=dia+a+dia+de+mulheres+submissa&imgrc=xAVuO8_M236_jM%3A) Acesso em: 07 jan. 2017 (imagem 1 – produção de texto)

[https://www.google.com.br/search?q=imagens+do+dia+a+dia+de+mulheres&biw=1242&bih=602&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjagZfQpLbRAhVF7SYKHWE5D6kQ\\_AUIBigB#tbm=isch&q=imagem+de+mulheres+com+profiss%C3%B5es+masculinas&imgc=jVCwdl83b1oMSM%3A](https://www.google.com.br/search?q=imagens+do+dia+a+dia+de+mulheres&biw=1242&bih=602&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjagZfQpLbRAhVF7SYKHWE5D6kQ_AUIBigB#tbm=isch&q=imagem+de+mulheres+com+profiss%C3%B5es+masculinas&imgc=jVCwdl83b1oMSM%3A) Acesso em: 09 jan. 2017 (imagem 5 – produção de texto)

[https://www.google.com.br/search?q=imagens+do+dia+a+dia+de+mulheres&biw=1242&bih=602&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjagZfQpLbRAhVF7SYKHWE5D6kQ\\_AUIBigB#tbn=isch&q=imagem+de+homens+com+profiss%C3%B5es+femininas&imgrc=4rljZqdImZb-CM%3A](https://www.google.com.br/search?q=imagens+do+dia+a+dia+de+mulheres&biw=1242&bih=602&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjagZfQpLbRAhVF7SYKHWE5D6kQ_AUIBigB#tbn=isch&q=imagem+de+homens+com+profiss%C3%B5es+femininas&imgrc=4rljZqdImZb-CM%3A) Acesso em: 09 jan. 2017 (imagem 6 – produção de texto)

<https://www.google.com.br/search?q=PINTURA+DE+IMAGENS+DO+COTIDIANO&biw=1242&bih=602&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjXipe-5KnRAhXExpAKHbfkC44QsAQIGQ&dpr=1.1#imgrc=UakeM5hPyTAf5M%3A> Acesso em: 04 jan. 2017 (imagem de abertura do material didático)

<https://www.vagalume.com.br/mario-lago/ai-que-saudades-da-amelia.html> Acesso em: 06 jan. 2017.

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_gTaOpjx9M](https://www.youtube.com/watch?v=_gTaOpjx9M) Acesso em: 07 jan. 2017 (vídeo da música “Mulher não manda em homem”)

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Conteúdo Básico Comum – Português (2006). Educação Básica - Ensino Fundamental e Médio.

TAVARES, Ana Paula. *O Sangue da Bunganvília* – Crônicas. Praia; Mindelo: Centro Cultural Português, 1998.

[www.luventicus.org/mapaspt/africa/republicademocraticadocongo.htm](http://www.luventicus.org/mapaspt/africa/republicademocraticadocongo.htm) Acesso em: 04 jan. 2017 (mapa de Kinshasa)

## **MATERIAL DIDÁTICO**

## Gênero textual: CRÔNICA



Neste capítulo, você irá se debruçar na leitura de textos de um gênero textual que existe desde a Idade Antiga: a crônica. Inicialmente, os primeiros cronistas, escritores de crônicas, narravam sobre os acontecimentos históricos relacionados a pessoas ilustres como imperadores, reis e generais. Narravam sobre fatos históricos do seu tempo. Seguiam escrevendo conforme a origem grega da palavra crônica: *khronos* (tempo).

A crônica veio passando por transformações, e, ao longo do século XIX, passou a ser publicada em folhetins, jornais e revistas. Além dos cronistas escreverem sobre fatos históricos do tempo, também agora escreviam sobre acontecimentos da vida cotidiana. E, atualmente, a crônica deixou de ser vista não só como um gênero jornalístico, mas também como um gênero literário.

Em suma, é um gênero textual do tipo narrativo em que o cronista registra, através do seu ponto de vista, costumes, fatos e acontecimentos do dia a dia. Na maioria das vezes, é uma narrativa curta com linguagem mais informal, próxima do cotidiano. A crônica pode ser elaborada com a intenção de emocionar, fazer uma crítica, produzir humor ou fazer com que o leitor reflita sobre o exposto.

## LEITURA

### TEXTO 1

#### CORPOS PROIBIDOS

“Não conheço uma família em que o marido limpe a casa, olhe pelas crianças, faça as compras e etc. É

possível que existam, mas eu pelo menos não conheço nenhuma...”.

#### Depoimento de uma mulher africana

Kinshasa tem fama de cidade nocturna, sociedade secreta tímida nos seus dias sujos e desorganizados, solta pela noite dentro nos brilhos que soltam do riso das mulheres e se multiplicam pelos labirintos da cidade acesa, nos seus recantos mais secretos.

Faz parte de uma longa lista de cidades malditas, sempre sujeitas à cólera dos deuses e dos políticos.

A sociedade do espetáculo surge assim caricaturada numa noite para danças interminavelmente e organizar o esquecimento nos corpos cansados que ondulam ao som dos instrumentos de sopro e de vozes enrouquecidas pelo álcool.

A noite é realmente absoluta e instala-se logo que o sol descansa de um dia de trabalho, quase todo a cargo das mulheres que, proibidas de falar em voz alta rememoram para dentro um dia sem respirar quando acabam a madrugada e a ligam ao trabalho, ao mercado e às crianças.

Reguladas por um código de família que as não considera parte do “ser colectivo congolês”, a não ser nos casos de prática de actos contra natureza e outras feitiçarias, as mulheres são mercadoria de valor acrescentado, pelas famílias que as vende [o colonialismo belga protegeu e incentivou esta prática], os maridos que as usam, os bailarinos e cantores que se servem delas como enormes espelhos dos seus egos inchados.

Aprendem de pequenas a exercitar a linguagem do sussurro. Palavras pequenas confiadas a um membro da família que assim se apropria da fala das mulheres e lhes serve de porta-voz. Perdem sempre.

Nos poucos casos de vitória, como sucedeu com o imposto sobre a mandioca que conseguiram abolir nos anos oitenta, provocaram a ira dos políticos.

Nessa altura o grande **Leopardo**, ainda investido de todos os magnos poderes, locais, franceses e americanos, disse:

“Esta integração da mulher, nós queremos-la a todos os níveis...”

Nós queremos reconhecer à mamã Zairense os direitos que lhe são conferidos pela sua qualidade de companheira igual aos homens.

Mas, bem entendido, em cada casa haverá sempre um patrão. E até provar em contrário, o patrão entre nós é aquele que veste calças. As nossas cidadãs deve também compreender e aceitar com

L **Leopardo** se refere a Joseph-Désiré Mobutu, que governou o Congo-Zaire (hoje República Democrática do Congo - RDC ou Congo-Kinshasa) por várias décadas. Ele pregava a emancipação feminina e a igualdade de gênero, mas, na verdade, instituiu um exercício machista do poder político e pregava a supremacia masculina em todos os aspectos.

um sorriso e uma submissão revolucionária...!”.

O grande Leopardo agoniza agora e a vida continua...

Sentadas, um súbito vento de mudança invade o silêncio e lava a tarde onde costumam habitar. O mundo não anda bem, já toda a gente sabe, mas a cidade maltratada veste os seus melhores panos e afina os cantos de saudação e as palmas para festejar no espaço maldito, o fim de uma longa e sangrenta caminhada. Homens e mulheres, atentos ainda ao rasto da morte da fera ferida, nesta sua entrega de território aos novos senhores da guerra e do cobre.

O futuro fez-se anunciar de forma solene, uma brisa leve do rio passeou pelas costas da cidade.

Mas o silêncio e a calma escondia a voz da ameaça. As mulheres continuam a murmurar baixinho a sua longa queixa repetida em passos simétricos de inventar a vida na cidade.

No fim da sua longa marcha, MONSIEUR LE PRÉSIDENT proíbe a mini-saia e a palavra.

Lisboa, 30 de Maio de 1997.

(TAVARES, Ana Paula. *O Sangue da Bunganvília* – Crónicas. Praia; Mindelo: Centro Cultural Português, 1998. p. 128-129)

MONSIEUR LE PRÉSIDENT: Senhor Presidente

**Ana Paula Ribeiro Tavares** (poeta, prosadora e historiadora) nasceu no Lubango, província da Huíla, Sul de Angola, em 30 de Outubro de 1952. Passou parte da sua infância naquela província, onde fez os seus estudos primários e secundários. Obteve o seu bacharelado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Luanda em 1973. Formou-se em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1982, com um Mestrado em Literatura Africana pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1996. Doutorada em Antropologia (Etnografia) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com uma tese intitulada 'História, Memória e Identidade: Estudo sobre as sociedades e Lunda e Cokwe de Angola. (<http://www.elfikurten.com.br/2015/06/ana-paula-tavares.html>)



Ana Paula Tavares também deixa que suas crônicas fiquem mais perto de nós, leitores, e estabelece, por meio de seus textos, um compromisso com a condição de mulher da sua terra, com seu tempo, com a história e as tradições das etnias do sudoeste angolano, onde nasceu e cresceu. Traz profundidade de

significação às suas a leveza inerente a esse que o leitor sinta o gozo de se deliciar com as dos povos da Huíla, ao apreende as reflexões Angola, brotadas das da autora . Artífice da forte carga poética em o que amplia o prazer (GOMES, 2007. p. 36)



crônicas, sem perder gênero fazendo com de cronicar, ou seja, histórias tradicionais mesmo tempo que sobre a história de entrelinhas dos textos poesia, Paula imprime seus textos de prosa, de suas narrativas,

Ao registrar o circunstancial, as crônicas de Ana Paula Tavares consolidam um compromisso, já estabelecido através de suas poesias, com o seu tempo, com a história de seu país e com as tradições dos povos da Huíla. (GOMES, 2007. p. 42)

## CONTEXTO HISTÓRICO



Em 1482, os portugueses chegaram à Angola a fim de colonizar. Quase um século depois, em 1575, a resistência à colonização acentua-se, e com isso, é formada a União dos Estados de Kuanza para combater o domínio português.

Os portugueses tinham, dentre outros objetivos, manter aberta a rota dos escravos, mercadoria que dominava o comércio na época. Os escravos eram exportados para Portugal, Brasil, Antilhas e América Central.

Apesar de em 1836 ter ocorrido a abolição do tráfico dos escravos, e, em 1878 o fim oficial da condição de escravo, a condição do angolano não mudou muito, pois continuaram sendo explorados pelo colonizador através do chamado contrato.

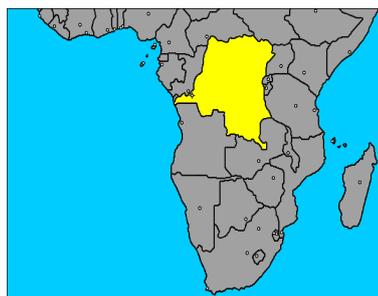
A insatisfação dos angolanos era muita, que o Movimento para a Libertação de Angola foi criado. A partir de 1961, tiveram início as lutas pela libertação de Angola e outros movimentos foram surgindo, os quais, sob liderança de Agostinho Neto, combateram o governo português em 11 de novembro de 1975, proclamando a independência de Angola.

Após a independência, havia uma ponta de euforia, porém na disputa por riquezas de Angola, petróleo, minérios e terras férteis, persistiu uma guerra civil até abril de 2002. Inúmeros mortos, refugiados e mutilados.

Foi nesse contexto de guerra e opressão, opressão não só por parte do colonizador, mas também da sociedade africana, que era administrada pela figura masculina, que viveu, ou melhor, sobreviveu a mulher diante de um ambiente que permanecia apagada, silenciada e sofrida.

## COMPREENSÃO

1. Comente a epígrafe utilizada.
2. O espaço da narrativa apresentada é a cidade de Kinshasa, capital da República Democrática do Congo. Como era a vida das mulheres na sociedade da época? Retire da crônica um trecho que comprove sua resposta.



3. Uma crônica pode ser elaborada com a intenção de emocionar, divertir, criticar ou fazer o leitor refletir. Qual ou quais intenções dessa crônica? Explique.
4. Na crônica observamos o silenciamento pelo qual a mulher africana vivia no meio familiar e na sociedade. Em sua opinião esse silenciamento acontece em nosso país atualmente?

## LEITURA

### TEXTO 2

#### A ESCOLA 60

Era uma escola pequena, de bairro, quase portátil, entalada entre a oficina de automóveis “Auto Reparadora da Huíla”, a casa vazia do antigo Odeon-Cine-Teatro e o Parque Infantil.

Dois enormes jacarandás invadiram o pátio com as suas raízes de tronco e a festa dos tapetes deixados pelas suas flores roxas, em Setembro, quando a escola reabria. Aventuras como o futebol e o basquete estavam fora de questão num espaço todo ocupado pelas sapatas das árvores. Assim eram sistematicamente transferidos para a lixeira das traseiras, responsável em grande parte pelo encardido das batas e das mãos, e ainda, pela forma estranha e rápida como se consumiam sapatos, mesmo aqueles reforçados com sola de pneu.

Do parque infantil fica a memória de três ou quatro animais estranhamente parados de susto, com os olhos vermelhos e vidrados na saudade de um deserto distante e livre, de um chimpanzé passeando a sua loucura mansa atrás das grades, à espera de acertar com uma lata de água na cara das crianças que se atreviam a passar a cerca de segurança. Duas bofetadas do pai ou da professora e a gargalhada do animal terminavam o incidente.

Era o confronto da infância nua e crua com os espaços interditos, a sua conquista e a dor de crescer.

À oficina de automóveis ia-se de tarde roubar rolamentos que, juntamente com as tábuas dos caixotes das lojas da esquina, serviam para elaborados carrinhos guiados a alta velocidade, encostas abaixo pelas ruas da cidade.

Os mais inaptos (nabo era a palavra), aqueles que mal conseguiam a proeza de manobrar tão sofisticadas máquinas, eram nomeados penduras, encargo que significa carregar às costas o carro dos mais hábeis na condução e na pancada.

[...]

De todas as personagens que habitavam a ESCOLA 60, algumas povoam ainda os meus sonhos e grande parte dos meus pesadelos.

Ana Maria, loira e de olhos azuis que, nos teatros da escola, desempenhava sempre os papéis de Nossa Senhora, decididamente não nos agradava. Nos anos de sorte e no Natal alguns de nós puderam representar os reis magos, o que significou uma certa promoção.

Depois havia o Valério, grande chefe de todas as actividades extra-escolares, como ficar de castigo ou fazer incursões às árvores de fruto dos vizinhos.

Nunca conseguiu aprender os estranhos exercícios de tanques e torneiras e as suas redacções eram um primor de síntese que raramente excediam as quatro ou cinco linhas com letra e frases curtas.

Lembro-me sempre das redacções dedicadas às mães e pedidas pela professora.

A redacção do Valério teve honras de ser lida em voz alta. Era assim:

Na minha casa a minha mãe faz tudo: cozinha, lava, limpa, trata de nós quando estamos doentes e atura o meu pai.

A MÃE É MUITO ÚTIL.

Lisboa, 19 de Setembro de 1996.

(TAVARES, Ana Paula. *O Sangue da Bunganvília* – Crónicas. Praia; Mindelo: Centro Cultural Português, 1998. p. 60-61)

## COMPREENSÃO

1. Nesta crónica, a infância de Huíla, cidade onde nasceu a escritora, é relembrada pela narradora utilizando a descrição para que o leitor tenha maior intimidade com o que é narrado. Explique o que é rememorado no primeiro, segundo e terceiro parágrafo.
2. A narradora reconhece, nos tempos da escola, um ato de discriminação devido à cor da pele. Identifique-o.
3. Quanto à linguagem, está mais próxima de jornais ou revistas ou mais próxima de textos literários?

4. Encerrando as lembranças, a narradora fala sobre o personagem Valério e faz uso da ironia em alguns trechos ao citá-lo. Identifique-as.

## DIÁLOGO ENTRE TEXTOS

1. Assim como nas crônicas, na charge abaixo é mostrada a mulher vítima de uma sociedade opressora. Explique essa relação.



2. Na segunda crônica, A ESCOLA 60, em um trecho da redação do personagem Valério, ele cita: “Na minha casa a minha mãe faz tudo: cozinha, lava, limpa, trata de nós quando estamos doentes e atura o meu pai”. Estabeleça uma relação entre esse trecho e a primeira crônica.

3. Após assistir ao vídeo sobre a música “Mulher não manda em homem”, leia a letra e responda:

Mulher não manda em homem  
(Grupo Vou Pro Sereno -2011)

Agora que eu não vou  
Pra casa descansar.  
Mulher não manda em homem  
E você quer me mandar. [Refrão]

Com tanta roupa suja em casa  
Você vive atrás de mim.  
Mulher foi feita para o tanque  
E homem para o botequim.

Vê se não me amola.  
Para com isso mulher!  
Eu bebo em casa  
Ou aonde eu bem quiser.



[https://www.youtube.com/watch?v=\\_gTaOpjx9M](https://www.youtube.com/watch?v=_gTaOpjx9M)

Não vem com essa  
De querer vir me buscar.

Agora mesmo é que eu não vou  
Pra casa descansar.  
Deixa eu beber em paz!  
Oh, mulher,  
Deixa eu beber em paz!

[Refrão]

Com tanta roupa suja em casa  
Você vive atrás de mim.  
Mulher foi feita para o tanque  
E homem para o botequim.

Lá em casa  
Tem tanta coisa pra fazer.  
Conseguiu me aborrecer  
Vindo aqui me buscar.  
Não adianta  
Me dizer tanta besteira.  
Fala, fala faladeira,  
Mas eu não vou descansar.

Deixa eu beber me paz!  
Oh, mulher!  
Deixa eu beber em paz!

- a. Nas duas primeiras estrofes, percebemos o eu lírico fazendo uma queixa. Do que ele se queixa?
- b. No texto 1, foi apresentado um contexto onde as mulheres não tinham vozes e nem vontade própria: “as mulheres continuam a murmurar baixinho a sua longa queixa”. Nessa música, o mesmo acontece? Explique.

## OUTRO TEXTO DO MESMO GÊNERO

### A mulher sem medo

Moacyr Scliar

Ele não sabia o que o esperava quando, levado mais pela curiosidade do que pela paixão, começou a namorar a mulher sem medo. Na verdade havia aí também um elemento interesseiro; tinha um projeto secreto, que era o de escrever um livro chamado "A Vida com a Mulher sem Medo", uma obra que, imaginava, poderia fazer enorme sucesso, trazendo-lhe fama e fortuna. Mas ele não tinha a menor ideia do que viria a acontecer.

Dominador, o homem queria ser o rei da casa. Suas ordens deveriam ser rigorosamente obedecidas pela mulher. Mas como impor sua vontade? Como muitos ele recorria a ameaças: quero o café servido às nove horas da manhã, senão... E aí vinham as advertências: senão eu grito com você, senão eu bato em você, senão eu deixo você sem comida.

Acontece que a mulher simplesmente não tomava conhecimento disso; ao contrário, ria às gargalhadas. Não temia gritos, não temia tapas, não temia qualquer tipo de castigo. E até dizia, gentil: "Bem que eu queria ficar assustada com suas ameaças, como prova de consideração e de afeto, mas você vê, não consigo".

Aquilo, além de humilhá-lo profundamente, deixava-o completamente perturbado. Meter medo na mulher transformou-se para ele em questão de honra. Tinha de vê-la pálida, trêmula, gritando por socorro.

Como fazê-lo? Pensou muito a respeito e chegou a uma conclusão: para amedrontá-la só barata ou rato. Resolveu optar pela barata, por uma questão de facilidade: perto de onde moravam havia um velho depósito abandonado, cheio de baratas. Foi até lá e conseguiu quatro exemplares, que guardou num vidro de boca larga.

Voltou para casa e ficou esperando que a mulher chegasse, quando então soltaria as baratas. Já antegozava a cena: ela sem dúvida subiria numa cadeira, gritando histericamente. E ele enfim se sentiria o vencedor.

Foi neste momento que o rato apareceu. Coisa surpreendente, porque ali não havia ratos, sobretudo um roedor como aquele, enorme, ameaçador, o Rei dos Ratos. Quando a mulher finalmente retornou encontrou-o de pé sobre uma cadeira, agarrado ao vidro com as baratas, gritando histericamente.

Fazendo jus à fama, ela não demonstrou o menor temor; ao contrário, ria às gargalhadas. Foi buscar uma vassoura, caçou o rato pela sala, conseguiu encurralá-lo e liquidou-o sem maiores problemas. Feito que ajudou o homem, ainda trêmulo, a descer da cadeira. E aí viu que ele segurava o vidro com as quatro baratas. O que a deixou assombrada: o que pretendia ele fazer com os pobres insetos? Ou aquilo era um novo tipo de perversão?

**M** **Moacyr** **Jaime**

**Scliar** nasceu em Porto Alegre (RS), em 23 de março



de 1937. Escritor e médico gaúcho, autor de mais de 70 obras, entre crônicas, romances e contos. Filho de José e Sara Scliar, europeus e judeus, que migraram para a América em busca de uma

Àquela altura ele já nem sabia o que dizer. Confessar que se tratava do derradeiro truque para assustá-la seria um vexame, mesmo porque, como ele agora o constatava, ela não tinha medo de baratas, assim como não tivera medo do rato. O jeito era aceitar a situação. E admitir que viver com uma mulher sem medo era uma coisa no mínimo amedrontadora.

(IN: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1701201107.htm> Acesso em 09 jan.

2017

## PRODUÇÃO DE TEXTO

Agora é sua vez! Você será o cronista!

Utilize as imagens abaixo para escrever a sua crônica.

Siga as orientações:

- ✓ Pense no leitor e no objetivo de sua crônica: divertir, emocionar, criticar ou gerar uma reflexão.
- ✓ Organize os elementos da narrativa: personagens; tempo (cronológico ou psicológico - quando se passa a narração); espaço (onde ocorre a narração); tipo de narrador (1ª ou 3ª pessoa); desfecho (surpreendente, inusitado, objetivo ou conclusivo).
- ✓ O título deve chamar a atenção do leitor e ser sugestivo. É possível fazer inferências do título com o assunto da crônica?
- ✓ **Não se esqueça:** antes de passar sua crônica a limpo, verifique se você seguiu as orientações, se utilizou os elementos de coesão, e se seus objetivos foram alcançados. Faça as mudanças necessárias e reescreva-a.



IMAGEM 1



IMAGEM 2



IMAGEM 3

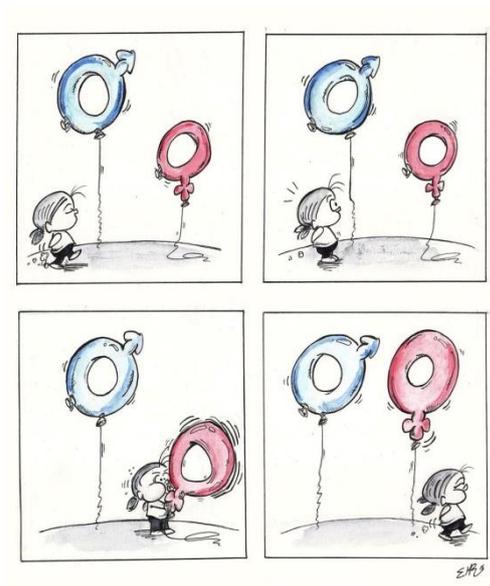


IMAGEM 4



IMAGEM 5



IMAGEM 6

# PORTFÓLIO

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Instituto de Ciências Humanas  
Pós-Graduação *Lato Sensu* em História da África

Carolina de Souza Oliveira Machado/Matrícula: 112740010

### **Portfólio**

Portfólio apresentado ao curso de Pós-Graduação  
*Lato Sensu* em História da África da Universidade  
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção  
do diploma de pós-graduada em História da África.

Juiz de Fora

2016

## SUMÁRIO

1. Histórias de vida e memória .....	03
2. Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis .....	05
3. Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas.....	20
4. Considerações finais.....	21
5. Referências bibliográficas.....	23

## Histórias de vida e memória

Sempre estudei em escola pública. Até o nono ano, era em uma escola municipal, e no ensino médio, numa escola estadual. Diferentemente do ensino fundamental, o meu ensino médio foi muito precário. Falta e troca de professores constantemente. Fiz magistério (de 1998 a 2000) que, naquela época, já podia lecionar com apenas essa formação. Talvez, por esse motivo, que não me recordo de ser dito na escola nada sobre vestibular, graduação ou qualquer orientação sobre isso. Por atualmente ser professora de escola pública, sei que a precariedade ainda existe em certa parte.

Durante o ensino médio, comecei a trabalhar, mas tive que largar devido aos estágios.

Após três anos (2003), comecei a fazer Letras (Língua Portuguesa e Literatura) pela Universidade Estácio de Sá, graças a um financiamento. Na cidade em que morava não há universidade pública, e nem se falava sobre, apesar de ser razoavelmente próxima da capital (uns quarenta minutos utilizando transporte particular), onde há duas universidades públicas. A cultura da cidade era estudar por lá, nas universidades particulares.

Ao contrário da visão estigmatizada que possui uma universidade particular, tive uma boa graduação, fui apaixonada. Sei do peso de um diploma de uma universidade federal. Esse “peso” versus “visão estigmatizada” são, a meu ver, imposições da sociedade. Assim como de que o negro é o pobre, e o branco é rico, o cabelo crespo é feio e o liso bonito, e por aí vai. Em virtude de lutas, políticas públicas e de pessoas conscientes, por exemplo, essas “imposições” vêm enfraquecendo.

Em 2007, ano seguinte do término da graduação, comecei a lecionar para os anos iniciais do ensino fundamental, numa escola particular. Permaneci por um ano e meio.

A partir do final de 2008, comecei a trabalhar como professora contratada em escolas estaduais e municipais. Também lecionei em outra escola particular. São quase oito anos de experiência em escolas públicas, e quase quatro, em escolas particulares.

Até antes de começar a Pós em História da África, somente trabalhei com meus alunos as questões sobre a cultura afro-brasileira na culminância que acontece nas escolas na semana de vinte de novembro, “Dia da Consciência Negra”. E pensava que desenvolvia um bom trabalho.

Ao começar a Pós-graduação em História da África, percebi que era um trabalho bem escasso, apesar de levar os alunos a refletirem criticamente sobre

preconceito, sobre a injustiça que sofreram os negros escravizados, e a pensar na busca de uma sociedade igualitária.

Durante a minha trajetória escolar, só era abordado o negro na temática escravidão. Na graduação, tive uma disciplina, “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”. O que me recordo dessa disciplina, foi um livro emocionante: “Ponciá Vivêncio”, de Conceição Evaristo. Nunca mais me esqueci daquela protagonista, uma mulher negra que teve uma vida muito sofrida, e foi excluída, dentre outras coisas, pela cor da pele. Lembrando-me do livro nesse momento, veio a grande vontade de relê-lo.

Continuando a minha formação, fiz uma Pós-Graduação na modalidade a distância, pela Faculdade Internacional de Curitiba, em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira. Além disso, um curso (180 horas) de aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos, pela Universidade Federal de Minas Gerais, com aulas presenciais e a distância. Ressalto o quanto é imprescindível a formação continuada para um professor.

No ano passado, já na Pós-graduação em História da África, tive a ideia de desenvolver um trabalho interdisciplinar para ser apresentado na semana do dia vinte de novembro. E trabalhei junto com professoras de Informática, Reforço Escolar, Dança e Artes, com alunos de sexto e oitavo ano. Nosso trabalho foi muito elogiado. Por quase dois meses, desenvolvemos atividade de leitura, debate, produção textual (charge e poema), interpretação e compreensão de textos, pesquisas no laboratório de informática, desfile de moda (intitulado “Cada um tem a sua beleza”), desfile com placas com mensagens, dança, confecção de cartazes e de carrancas. Todas as atividades voltadas para a valorização da história e cultura afro-brasileira.

Eu estou gostando muito do curso. Emocionei-me algumas vezes, nas aulas, ouvindo depoimentos de experiência profissional e de vida pessoal de professores e alguns alunos. Relataram preconceitos sofridos. Já vivenciei também, indiretamente, situações preconceituosas, não só pela cor da pele, mas também pela classe social. Talvez, não tenha sofrido tanto preconceito como alguns relataram, devido ao “degradê da cor da pele”. Quanto mais escura a cor da pele, e quanto mais crespo o seu cabelo, maior o preconceito – absurdo! Minha mãe sempre disse: “somos pretos”.

Eu tinha um estigma – e ainda tenho às vezes. Não entrava em certas lojas e não frequentava alguns lugares por considerar que ali não era lugar para mim, eu não me sentia bem. Isso é horrível! Não há lugares para ricos, lugares para pobres, para brancos, para negros. Todos devem ir e frequentar onde quiserem.

Deixei de ter aquele conhecimento sobre África do senso comum. Percebo que eu quase nada sabia. Tenho muito que aprender sobre a África.

É um grande desafio colocar em prática a lei 10.639/2003, pois a sociedade ainda é muito resistente, há professores resistentes a esta ideia. É importante romper com o falso imaginário sobre a África, ter livros didáticos com a história real, coerente sobre África, acabar com tantos estereótipos, dos quais são vítimas os negros e etc. O trabalho é longo... Mas eu estou aqui na Pós em História da África para cumprir com a minha parte, quebrando parcela dessa resistência. E, em breve, estarei no mestrado. Assim pretendo.

[...]

Pedras no caminho?

Guardo todas, um dia vou construir um castelo..." (Fernando Pessoa)

"Você não sabe o quanto eu caminhei

Pra chegar até aqui

Percorri milhas e milhas antes de dormir

Eu nem cochilei"

(Da Gama/Toni Garrido)

"Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando Sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber do branco?" (Ponciá Vivêncio, 2003, p.15)

### **Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis**

Posso dizer que alguns pensamentos e atitudes minhas são classificadas em antes e depois de iniciar esta Pós, o que é um extremo ABSURDO. Digo absurdo porque em exatamente 9 de janeiro de 2003 foi decretada a lei 10.639. Foi nesse ano que entrei na graduação, mas como dito anteriormente, tive somente uma disciplina que era sobre literatura africana. Logo em seguida, também já dito, comecei a lecionar, e desconhecia essa lei, nada era citado nas escolas... "Como ensinar o que não se conhece?" (OLIVA, 2003). Fui ter conhecimento da lei somente antes de me inscrever na Pós, que busquei informação.

Tenho uma visão diferente a começar pela minha opinião sobre as cotas universitárias "raciais". Mudei de opinião durante uma conversa com uma amiga, na saída de uma das aulas da Pós. Agora sou a favor, pois como "competir" de modo

igual pessoas que tiveram a vida/condições de vida tão distintas? Ressalto a opinião do historiador Leandro Karnal:

Não se justifica do ponto de vista racional eu fazer distinção entre pessoas, porém se justifica do ponto de vista histórico do Brasil. Então a minha posição é sim, inteiramente a favor de cotas, não porque eu tenha algum motivo racional para isso, mas porque nós temos aqui uma injustiça social eterna, que não foi superada até hoje. Se o problema racial tivesse sido encerrado no domingo, dia 13 de maio de 1888, eu teria outra posição. O problema racial é grave, continua... Basta observar o número de pessoas presas em São Paulo. A repressão continua sendo em cima de pessoas negras, de pessoas pobres. (<https://www.youtube.com/watch?v=439d74kjtTE>)

Já nas primeiras aulas da Pós foi fascinante: “a desconstrução do imaginário sobre a África”, e enfatizado como a história da África é citada (na verdade, quando é citada) nos livros didáticos. A desconstrução de uma África como um único lugar selvagem, primitivo, pobre e com doenças, o qual o Egito era considerado como não pertencente. Foi construída (e ainda é), erroneamente, uma história única para um continente tão rico e tão vasto.

Os navegantes europeus construíram uma representação para os africanos e o território, tinham um imaginário de um local com monstros, imoralidades e hábitos demoníacos, por exemplo.

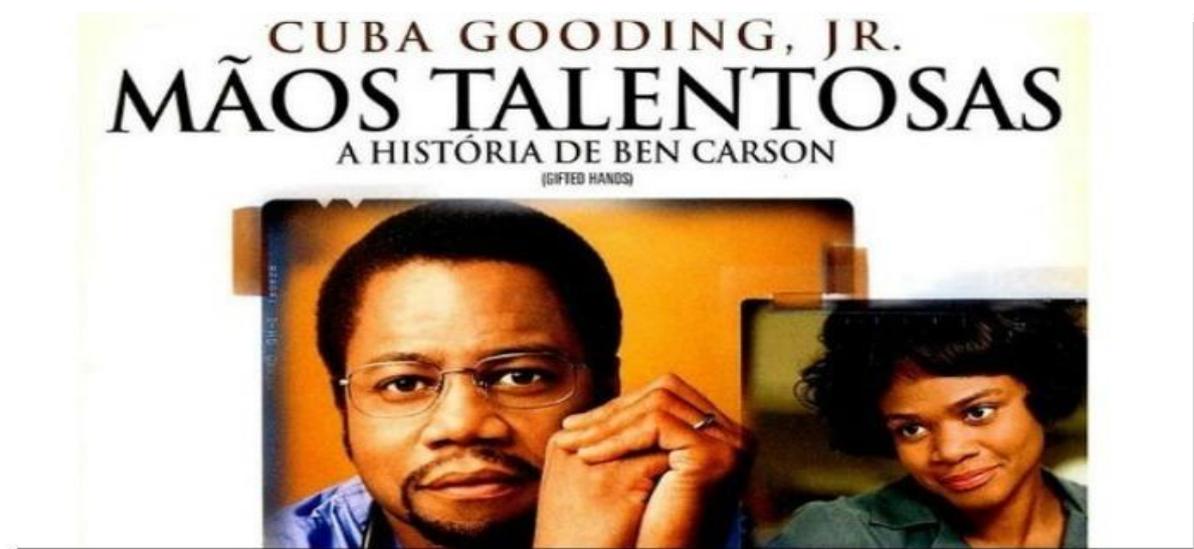
Logo depois, estudamos os conceitos de raça, como o biológico, sociológico, antropológico, entre outros. Fiquei impressionada quando estudamos sobre o racismo científico, onde se pretendeu comprovar a suposta superioridade da “raça” branca. Inacreditável!

Ao assisti ao filme indicado como conteúdo complementar, “Vênus Negra”, fiquei sem palavras para descrever o que senti. Saartjie Baartman teve uma vida inteira de opressão. Seus quadris largos, cintura fina, bem diferentes das europeias, possivelmente, é um exemplo de onde advém um dos estereótipos da mulher negra, mulata.

Recordo-me do vídeo “Cores e botas”, passado em uma das aulas, que retratava o sofrimento de uma personagem, menina negra, que queria ser “Paqueta”. Que seleção preconceituosa era feita em plena TV aberta. Que frustração para muitas meninas negras. Daí também se encaixa a questão da memória e identidade negra. Um povo que sempre foi apagado, que guarda na memória uma vida excludente, sem identidade, sem conhecer a si próprio, e com muita amargura. Mas graças a símbolos/movimentos (o dia 13 de maio, pan-africanismo, movimentos negros, início de uma visão positiva da África e outros) que as lembranças/memórias ruins ajudaram

na resistência, e servem como inspiração para que cada dia mais o negro possa, efetivamente, ocupar o lugar merecido, lugar este em que todos ocupem, onde não haja separação. Que a alteridade seja posta em prática.

Neste ano, passei para meus alunos do sétimo ano, o filme “Mãos talentosas: a história de Ben Carson”. É um filme biográfico. Benjamin Carson, um menino negro, que vivia com a mãe e seu irmão mais velho, era o único aluno negro de sua turma da escola, até o nono ano. Sofria muito preconceito, tinha baixa autoestima, mas sua mãe sempre o encorajava. Após muitas superações, tornou-se neurocirurgião, e, novamente, era o único negro durante a residência, e mais uma fase convivendo com grandes preconceitos, os quais não conseguiram impedir de alcançar o sucesso profissional, logo, a realização pessoal. Tornou-se um médico famoso por realizar cirurgias muito importantes, como a primeira separação de gêmeos siameses. Após o filme, ouvi a reflexão dos alunos, e foi muito satisfatório. Em seguida, foi feita uma produção de textual. Através da escrita, os alunos se sentiram mais à vontade para exporem sua opinião. Alguns relataram episódios de preconceito que viveram ou presenciaram. Imagens do filme:



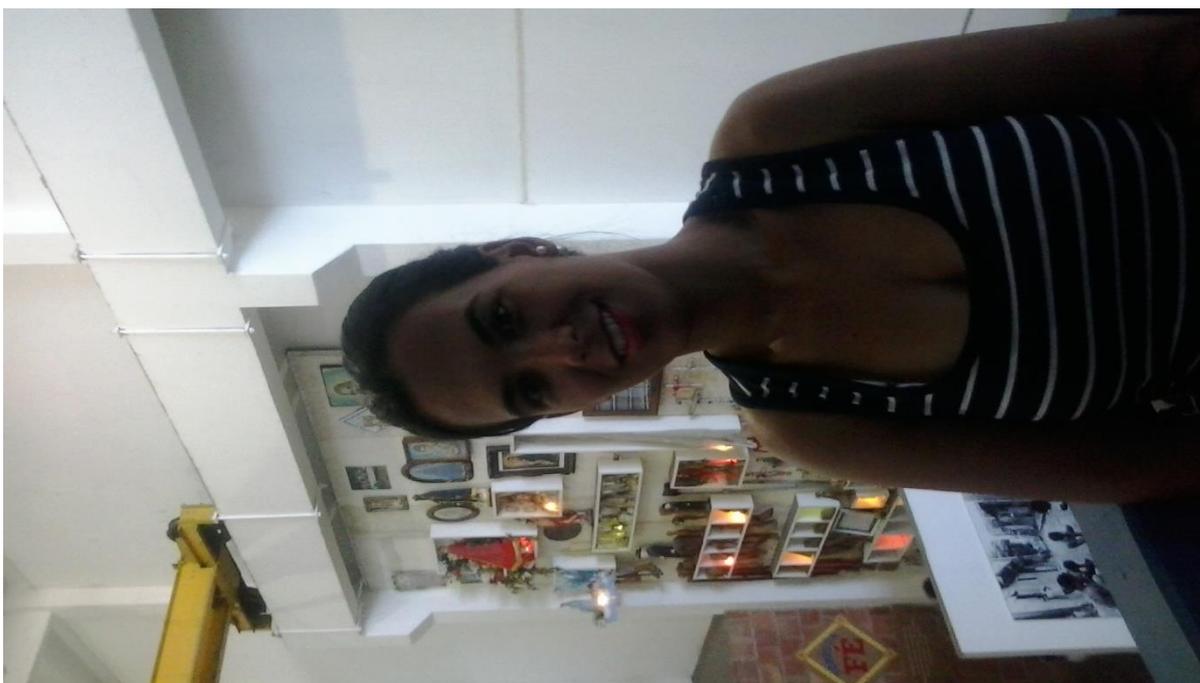


Durante as aulas que estudamos sobre memória e identidade, fomos visitar o Museu da Maré/RJ. Adorei conhecê-lo! Foi uma visita bem emocionante. Uma comunidade também com uma memória muito marcada por exclusão não só por parte do Estado, mas também devido à cor da pele e a origem de outros lugares, como o Nordeste. A começar pela origem do nome, Maré, que traz uma lembrança desagradável, conforme explicado na visita ao museu: os moradores moravam em palafitas que eram atingidas pelas marés. Abaixo seguem algumas fotos tiradas no museu:



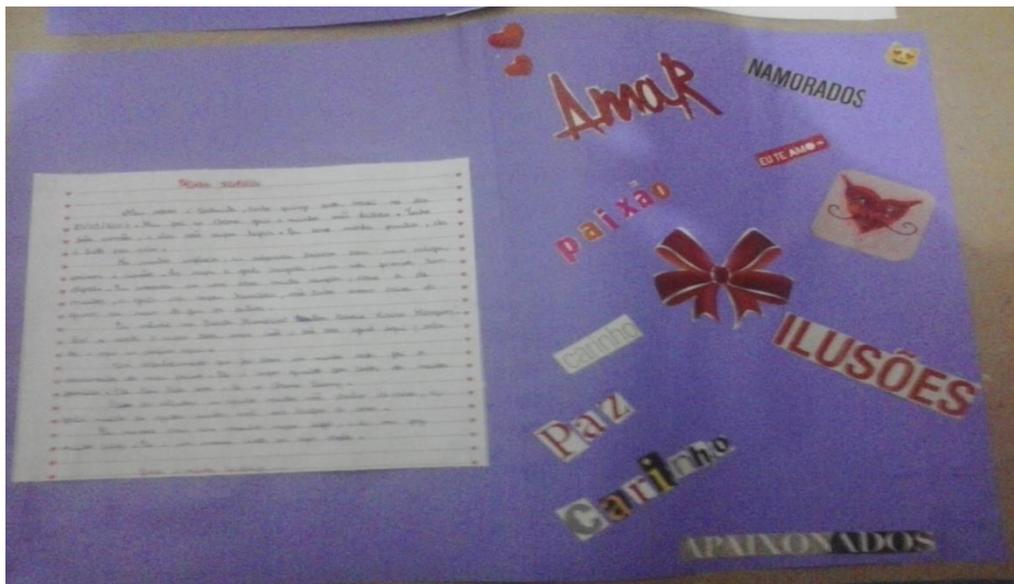
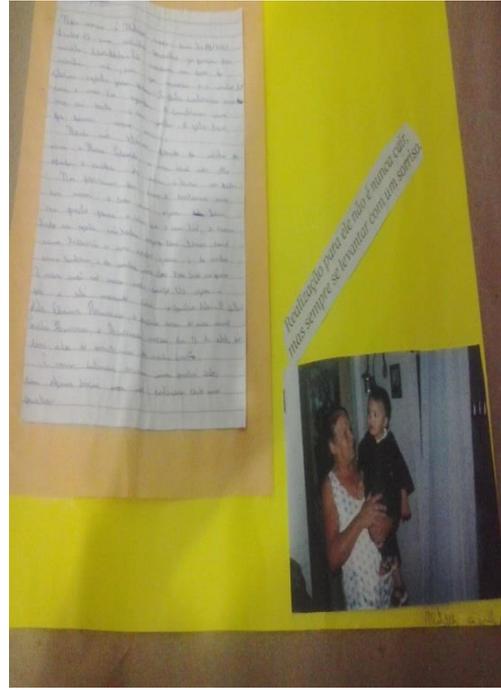
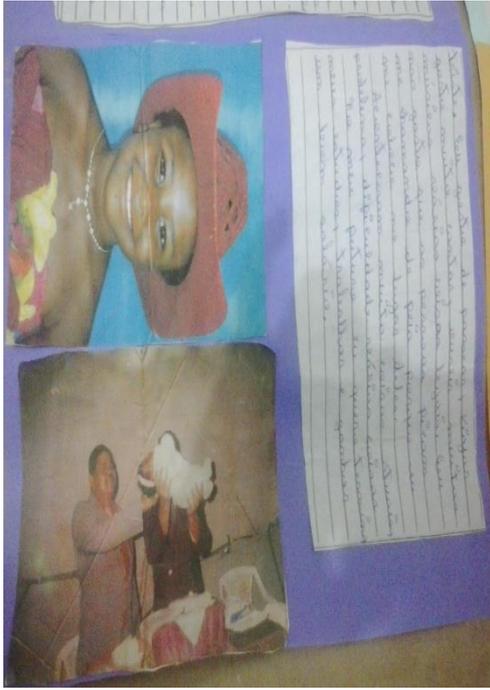
No fim da década de 80 e início de 90, indo várias vezes visitar familiares, recordo-me muito bem, passando pela Linha vermelha, das palafitas, do mau cheiro da Baía de Guanabara e do mangue, evidentes pela falta de saneamento.





Em relação ao estudo de memórias, trabalhei, este ano, com meus alunos do sétimo ano o gênero autobiografia. No início alguns alunos recusaram-se a participar das atividades, mas depois de expor para eles parte das minhas memórias, eles sentiram-se mais à vontade. Foi muito gratificante ajudá-los a resgatar suas lembranças. Disse para escreverem, em suas autobiografias, apenas aquilo que se sentiam à vontade de revelar, pois eu teria que ler o texto para verificar se estava coerente com tudo que foi estudado sobre o gênero, e fazer a correção. Um aluno, em especial, chamou muito a minha atenção. Ele era muito tímido, tinha dificuldade para interagir e não gostava de fazer atividades em dupla ou grupo. Em sua autobiografia, ele relevou fatos bem íntimos e tristes, e no dia da apresentação do trabalho à escola, ele permitiu que eu a lesse. Muitos se emocionaram. Depois desse trabalho, ele começou a interagir, participar das aulas. Seguem algumas fotos:





Em um outro momento da Pós, conhecemos a professora Perses Canellas. Como ela persistiu para criar um espaço Griot na escola em que trabalhava. Eu nem conhecia a palavra “griot”. Foi inspirador! Ela mostrou e contou, com muito carinho, fatos, fotos, livros e trabalhos que giravam em torno, por exemplo, do resgate da autoestima dos alunos e da contribuição do negro para a cultura e história do país.

Também com persistência, tive uma ideia de elaborar um trabalho para comemorar o “Dia da Consciência Negra”. Já contei um pouco sobre esse trabalho na primeira parte deste portfólio. Tive a ideia, conversei com minhas turmas, e fui à luta atrás de outros professores, os quais foram fundamentais, para colocar a ideia em prática. Foram várias atividades na sala de aula, no laboratório de informática e no

pátio da escola. Discutimos sobre preconceito, fizemos poemas, charges, carrancas, desenhos, escrevemos mensagens, montamos cartazes, fizemos ensaio fotográfico, pesquisa, desfile, dança, e, principalmente, PENSAMOS, REFLETIMOS sobre a importância de cada um fazer a sua parte para respeitar o outro e valorizar “a beleza das diferenças”, título do trabalho. Não foi fácil fazer com que adolescentes “entrassem no ritmo”, mas o resultado... extremamente gratificante. Ressalto, novamente, que desenvolvi esse trabalho logo após ter iniciado a Pós. Seguem algumas fotos:











Um dos poemas produzidos por um aluno do sexto ano:

## O racismo com os negros

Na época da escravidão  
Os negros africanos foram escravizados  
Eram dependentes e violentados

Com o racismo, os negros sofrem muito  
Macaco, Negão, Pretão, etc

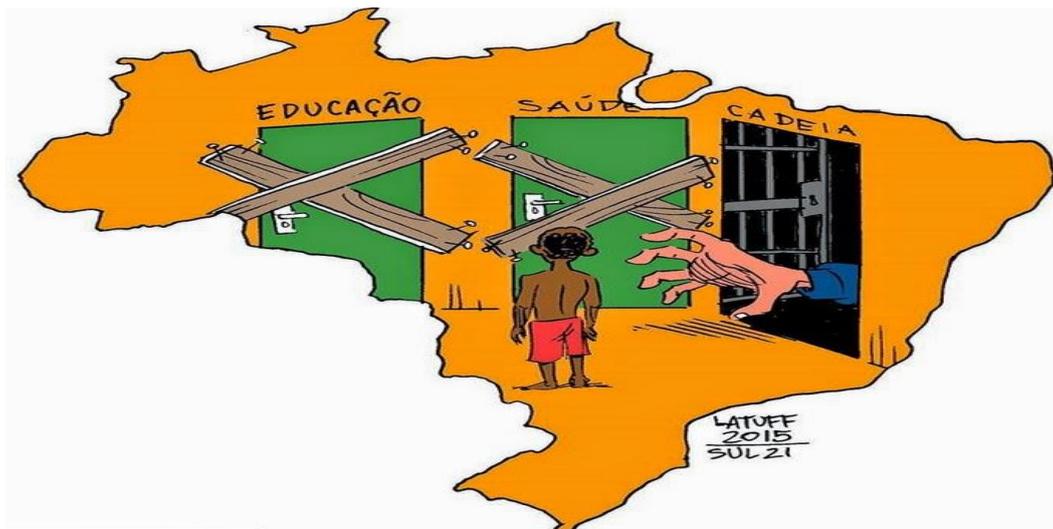
No Brasil, hoje em dia  
Às vezes os negros também são agredidos  
E com isso, alguns se suicidam

Quando ocorrer racismo  
As pessoas devem fazer denúncias  
Para ocorrer a justiça

Também no Brasil  
Muitas vezes ocorre o bullying  
Com brancos, negros, magros, altos, etc

Antes de acontecer tudo isso  
Todas as pessoas deveriam pensar  
DEUS criou todo mundo igual  
E para se amar

Neste ano, em minha turma do 9º ano, trabalhando com o gênero charge, argumentos, persuasão, posição crítica diante do que assiste, do que lê, enfim, posição crítica diante do mundo, utilizei, dentre outros materiais, dois vídeos do grupo “Porta dos fundos” (canal do Youtube, vídeo “Negro” e “Amiguinho”) e a charge que segue abaixo.



Abordamos muitas questões, como por exemplo: por que o personagem da charge é negro?; autocrítica (onde está meu preconceito?); debate sobre os estereótipos feitos do negro; há oportunidades iguais para negros e brancos?; cotas universitárias.

Mais a frente, na Pós, tivemos aula com Mahfouz Ag. Adnane. Ele é do Mali, região do Deserto do Saara. E foi sobre isso as suas aulas. Conhecemos a história de Mali, suas dificuldades vividas nos primeiros anos de independência, a sociedade Tamacheque, as tristes rebeliões e massacres pelas quais passaram os tuaregues, a surpreendente trajetória Ibn Battuta, e sobre a música do Saara como instrumento político. Abaixo há uma foto de Mahfouz Ag. Adnane comigo, e outra dele com a turma da Pós.





É muito atraente para os alunos utilizar músicas nas aulas. Pensei na música “Todo camburão tem pouco de navio negreiro”, do grupo Rappa, para trabalhar com alunos a partir do oitavo ano, uma reflexão crítica sobre o tema abordado. Não planejei atividades ainda, mas é possível elaborar um trabalho bem rico utilizando essa música. Na minha disciplina, língua portuguesa, além de trabalhar a questão sobre preconceito, que já está presente no título da música, pode-se abordar outras questões: o vocabulário utilizado; qual a intenção do autor; música como uma crítica social; qual é a crítica feita?; levar os alunos a terem uma postura que rompa com o preconceito; citar a questão sobre apelidos recebidos por negros. Essas são algumas ideias que tive. Segue um trecho da música:

Tudo começou quando a gente conversava

Naquela esquina alí

De frente àquela praça

Veio os homens

E nos pararam

Documento por favor

Então a gente apresentou

Mas eles não paravam

Qual é negão? Qual é negão?

O que que tá pegando?

Qual é negão? Qual é negão?

[...]

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro

Também de Mali, como Mahfouz Ag. Adnane, soubemos um pouco sobre o escritor Amadou Hampaté Bâ, que levou a tradição oral e escrita da África em suas obras. Um dos seus textos, “Na escola do camaleão”, me chamou muito atenção pela linguagem simples e comovente:

“[...] O camaleão não vira a cabeça, mas o seu olho gira. Olha para cima, para baixo. O que quer dizer: informe-se. Não pense que está sozinho na terra. [...] Se o camaleão avança, levanta um pé. Pesa. Isso se chama prudência na marcha. [...] Se você quer realizar obra duradoura, seja paciente, seja bom, seja humano. É isso aí. Se você se encontrar na mata, peça aos iniciados que lhe contem a lição do camaleão”.

Ainda vimos a poesia angolana, como de Agostinho Neto, Alda Lara, Costa Andrade e Ana Paula Tavares, entre outros. Poesias que expressam a cultura e história de Angola são uma literatura engajada, que no uso da linguagem poética, faz uso de metáforas em um universo de sugestões.

As aulas da Pós foram muito ricas. Além do exposto, vimos sobre a questão do candomblé, da ancestralidade, de gênero e parentesco na África, o trabalho forçado, “escravidão moderna”, a ocupação do território angolano, a literatura e o cinema de Sembène Ousmane e outros. Ressalto que citei, nesta parte do portfólio, aqueles conteúdos que associei com o meu trabalho na sala de aula, ou aqueles, que, por questões pessoais, tive maior identificação.

### **Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas**

Muito há para ser feito em relação ao ensino da história e cultura afro-brasileira, a começar, ser incluído nas licenciaturas, pois daí sairão os futuros professores. É necessário, como já mencionado neste portfólio, cumprir com a lei nº 10.639/2003, que, sancionada há mais de dez anos, parece ser vista como irrelevante. Assim como, a meu ver, o sistema de cotas universitárias é uma forma de “pagar a dívida” pelos anos de escravidão e por toda a exclusão que ainda há, a lei 10.639 também é.

É necessário conhecimento, estudo, afinal, como falar de algo desconhecido ou com um conhecimento bem limitado ou errôneo? Penso que o não conhecimento pode “contribuir” para o preconceito; por não se conhecer, levá-se a ignorar.

O conhecimento/busca do conhecimento é fundamental para que ocorra a intervenção pedagógica. O professor/a escola/a educação deve sair do silenciamento em relação ao ensino da cultura e história afro-brasileira, e, a partir daí, contagiar os alunos, a família, a sociedade.

É visível a escassez de materiais didáticos que abordam o tema. Isso é um fator negativo, mas não crucial para não se trabalhar com a temática. Não há uma receita, mas é certo de que se deve promover e valorizar a cultura e história afro-brasileira e vencer o preconceito.

No trabalho de conclusão da Pós, o material didático, utilizarei algumas crônicas do livro “O Sangue de Buganvília” de Ana Paula Tavares, escritora angolana, e, a partir dele, desenvolver atividades para o ensino médio. Utilizando as crônicas, irei trabalhar com esse gênero textual e com temáticas que envolvem acontecimentos históricos em Angola, a situação da mulher angolana na época, e o uso da linguagem poética nesse gênero.

Em suma, venho me questionando sobre como fazer a intervenção pedagógica para que a lei 10.693/2003 seja posta em prática. Não há um caminho definido, limitado para isso. Temos que buscar um embasamento teórico e criar o nosso próprio caminho para que a falta do ensino dos temas relativos à cultura e história africana não se perpetue. Mas é certo de que o livro didático e também a graduação em licenciaturas devem ser reformulados, deve-se inserir, em ambos, a história e cultura afro-brasileira de forma coerente e formativa. Além disso, os professores precisam de cursos de formação continuada; poderia haver um diálogo entre grupos como o Movimento Negro, por exemplo, e a escola; as Secretarias de Educação deveriam promover, orientar e também monitorar o trabalho; o Ministério da Educação deveria elaborar mais materiais.

### **Considerações finais**

As aulas da Pós estão chegando ao fim, e com elas, a escrita deste portfólio. Muito obrigada. Como tenho o que agradecer por esta valiosa oportunidade de ter feito esta especialização. Meu trabalho como professora mudou, não só em relação ao ensino e aprendizagem da temática história e cultura afro-brasileira, mas como um todo. Tenho novas visões, novas perspectivas, não só profissionais, mas também pessoais.

Nesta semana, trabalhando a “consciência negra” com meus alunos de sexto ano, ouvi de uma aluna: “eu queria ser branca, porque branca é mais bonita”. Como isso me doeu. E ainda dói, porque não consegui fazê-la mudar de pensamento. Ainda não consegui, mas irei. O trabalho não acabou. Aliás, nunca deve acabar. Assim como esse portfólio só está acabando na teoria, na escrita, porque na prática, seguem novas ideias, novos pensamentos e novos estudos que levam às intervenções na escola e na vida de muitos alunos. Intervenções também em uma simples conversa com um amigo, com um familiar, e até com um desconhecido em uma fila de banco. Temos que propagar o quanto é possível o progresso, a evolução da humanidade através do estudo, do conhecimento, da educação. Imagino que só seja possível a transformação, de modo positivo, da sociedade, através de uma educação de qualidade, de uma educação igualitária. E para tornar-se igualitária, que sejam respeitadas, valorizadas e estudadas todas as diferenças, que as oportunidades sejam as mesmas. A educação e os assuntos relacionados a ela, nunca podem ser considerados chavões. Tendo em vista a suprema importância, a educação sempre será um tema atual.

*“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. (Nelson Mandela)*

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”. (Nelson Mandela)*

P.S. o uso da cor verde acima representa a **esperança** que mora dentro de mim.

## Referências Bibliográficas

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vivência*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

GLISSANT, Édourd. *O Pensamento do Tremor – La Cohée Du Lamentin*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Editora UFJF: Juiz de Fora, 2014.

[https://www.google.com.br/search?q=resumo+do+filme+m%C3%A3os+talentosas&biw=1242&bih=602&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjp67377DQAhVDgZAKHcOGBeUQ\\_AUICSgE&dpr=1.1](https://www.google.com.br/search?q=resumo+do+filme+m%C3%A3os+talentosas&biw=1242&bih=602&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjp67377DQAhVDgZAKHcOGBeUQ_AUICSgE&dpr=1.1) Acesso: 25 jun. 2016

<https://www.youtube.com/watch?v=NxzUU-cZD1o> Acesso em: 20 ago. 2016 (vídeo “Amiguinho”)

<https://www.youtube.com/watch?v=Le8xjRufv-M&t=2s> Acesso em: 20 ago. 2016 (vídeo “Negro”)

LAMAS, F.G.; BEZERRA, C.; VIEIRA, D.L.; THOMAZ, F. *Utilizando o portfólio como instrumento de escrita e reflexão*.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. *Estud. afro-asiát.* [online]. 2003, vol.25, n.3, pp.421-461. ISSN 0101-546X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2003000300003>

[WWW.geledes.org.br](http://WWW.geledes.org.br)

<https://www.lettras.mus.br/o-rappa/77644/> Acesso: 05 nov. 2016